

Conventos lusitanos cartuxos integraram-se na Província da Catalunha; de 1614 a 1618, na de Castela. Em 1618, contudo, o Capítulo Geral dá o título de *Provincia Lusitaniae* aos Mosteiros portugueses, chamando a sua jurisdição directamente à Grande Chartreuse. D. Le Masson, prior-geral da Ordem concederá, nos finais do século XVII, estatuto particular às Casas de Portugal, autorizando-as a exercerem mutuamente o ofício de visitação entre elas (p. 40-41).

Monges de extrema e rigorosa disciplina, os irmãos portugueses de S. Bruno assumirão, com pragmatismo, essa distância geográfica do grande centro de comando da Ordem, posto que tenham procurado conscienciosa e diligentemente, no que foi um desejo perseguido por várias gerações, uma aproximação institucional mais directa, da qual resultavam reflexos na dimensão espiritual e ascética destas comunidades eborense e olisiponense, ao mesmo tempo que lhes assegurava, de modo mais formal e canónico, a plena comunhão e perfeita integração no universo cartusiano.

Revela-nos, esta obra, os esforços que os Cartuxos desenvolveram, sobretudo no longo reinado de D. João V, em ordem à promoção dessa ansiada maior proximidade e interdependência das Casas portuguesas com os centros cartuxos de decisão centro-europeus, estratégia a que o rei Magnânimo (1706-1750) levantou determinante oposição, convicto que estava da justeza da sua política de “nacionalização” dos “estados” eclesiásticos portugueses.

O texto é oferecido, em versão francesa assinada por Mlle. Marinha Mimoso, na parte final do livro (p. 106-146), no qual se compilam, também, numerosas ilustrações de aspectos artísticos e emblemáticos dos dois Mosteiros portugueses, contribuindo para o tornar num útil instrumento de informação acerca da presença desta austera Ordem contemplativa em Portugal¹, no qual se viu restabelecida, depois da extinção forçada de 1834, por patrocínio do Conde de Vill’Alva, em 1960, ano em que os monges de S. Bruno regressaram à sua antiga Casa de Évora.

Saul António Gomes

COLÓQUIO MATÉRIA DA BRETANHA EM PORTUGAL, Lisboa, 2001
 – *Matéria da Bretanha em Portugal: actas*. Leonor Curado Neves;
 Margarida Madureira; Teresa Amado, coord. Lisboa: Edições Colibri,
 2002. 284 p.

Após um longo período pautado por um certo desinteresse e estagnação no âmbito das investigações relacionadas com a designada «Matéria da Bretanha», é de realçar a originalidade e a relevância da iniciativa do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras de Lisboa ao recolher um vasto conjunto de artigos respeitantes a esta temática, outrora não muito valorizada pela crítica. Deste modo, propomo-nos recensar uma compilação de pequenos estudos correspondentes a um recrudescer actual em torno dos romances

¹ Devemos registar, aqui, a existência de uma monografia mais ampla sobre esta Ordem em Portugal, da autoria de J. Pinharanda Gomes, *A Ordem da Cartuxa em Portugal: ensaio de monografia histórica. Prefácio dos Cartuxos de Scala Coeli*. Salzburg: Institut Fur Anglistik und Amerikanistik – Universitat Salzburg, 2004. 362 p., il.

do ciclo do Graal português e que reflectem, indubitavelmente, uma enorme progressão no respeitante à compreensão da literatura cortesã medieval.

Neste contexto, é de salientar no estudo presentemente em análise tanto o profícuo contributo de especialistas no domínio da literatura arturiana (nomeadamente Ivo Castro, Irene Nunes, Ana Paiva Morais e Michelle Szkilnik, ou no que concerne ao Graal propriamente dito, José Carlos Ribeiro Miranda), tanto dos mais jovens investigadores, quer doutorados (a título de exemplo, refira-se Elsa Maria Branco da Silva), quer a preparar as suas teses, e que muito se têm dedicado às inúmeras problemáticas suscitadas em Portugal pela Matéria da Bretanha. Neste sentido, pode inferir-se que a obra em estudo contou com a representação dos diversos estabelecimentos de ensino superior portugueses (designadamente com a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade do Minho, a Universidade do Porto, a Universidade de Coimbra e a Universidade Aberta), que encontraram nesta iniciativa um verdadeiro espaço de debate de ideias, bem como de divulgação dos mais recentes trabalhos inerentes à Matéria da Bretanha.

Assim sendo, pode constatar-se que diversas foram as fontes literárias que serviram de suporte para o entendimento da temática em questão, em particular textos da literatura romanesca medieval portuguesa e francesa, apresentando alguns deles um carácter aventureiro e geográfico ou, até mesmo, cronístico. Privilegiar-se-á, contudo, a lógica de ordenação textual da obra em consideração, isto é, o *Livro de José de Arimateia*, o *Merlim* e a *Demanda do Santo Graal*, respectivamente, e sobre os quais incidirá, sobretudo, a nossa atenção, na medida em que foram objecto de uma maior reapreciação não só a nível linguístico, mas também a nível da sua significação e conteúdo simbólico.

Em primeiro lugar, o *Livro de José de Arimateia*, que apesar de ter caído no esquecimento durante décadas da investigação científica, actualmente constitui-se como um real ponto de partida para as mais variadas pesquisas literárias, linguísticas e históricas, tendo sido determinante para a sua percepção os constantes progressos da crítica textual, sobretudo no que concerne às suas novas propostas de edição, e que colocam, cada vez mais e sob múltiplas vertentes, o texto português tão próximo do texto francês. Tais avanços facilitam uma nova abordagem a esta obra, permitindo, por exemplo, reflexões relacionadas com a designada «história do género», realçando-se uma comunicação dedicada ao estudo do feminino, que encerra como finalidade enfatizar o papel da mulher enquanto esposa e mãe (à semelhança da Virgem Maria), ou seja, realça o seu progressivo aperfeiçoamento, através do qual ela vai perdendo o seu lado mais animal, para ganhar uma dimensão virtuosa e maternal, fundamental à constituição e perpetuação das linhagens, estas últimas pilares estruturantes da sociedade medieval. É ainda de salientar um estudo relativo à simbologia do leão, que traduz, por excelência, a figura de Cristo ressuscitado, para além de deter uma missão anunciadora e de conversão, assumindo-se, igualmente, como sinónimo da virtude. Por fim, um artigo que explora um dos temas mais caros da literatura produzida durante a Idade Média, isto é, o baptismo e as suas contrapartidas benéficas, tomando-se como exemplo a figura do rei Label, pecador e grandemente apegado à temporalidade, e que através deste sacramento conheceu a redenção, tornando-se eremita e chegando mesmo a ser santificado.

Em segundo lugar, o *Merlim* que, à semelhança do que ocorre com o *Livro de José de Arimateia*, tem vindo a ser objecto de estudo de interessantes e originais trabalhos. Neste sentido, constata-se o facto deste texto apresentar um pitoresco equilíbrio entre a narrativa e o maravilhoso, vertentes contraditórias, mas que se encontram perfeitamente conjugadas entre si e que outorgam um carácter de especificidade ao texto. Assim sendo, a personagem

de Merlim – mágico e profeta –, mais não representa do que uma fusão da cultura pagã céltica e da cultura cristã, traduzindo, pois, a imagem de uma realeza mágica e guerreira. Merlim é tratado por duas vezes. Numa primeira reflexão aborda-se o seu gradual declínio ao longo do ciclo romanesco, no qual vai perdendo importância para o elemento feminino, tradicionalmente conotado pelo Cristianismo com o engano e com a maldade. Adivinha-se, então, a queda do mago, na medida em que as características sobrenaturais e adivinhatórias da personagem assemelham-se condenáveis no seio de uma cultura que tende, paulatinamente, a eliminar os resquícios do paganismo. Numa segunda abordagem, é referida a estreita ligação entre Merlim e Artur, preconizada por alguns episódios que denotam uma forte interdependência entre as duas figuras. A fragilidade de Artur é notória e o auxílio sobrenatural de Merlim revela-se determinante para a efectivação dos seus propósitos.

Em terceiro lugar, a *Demanda do Santo Graal*, um dos romances do ciclo arturiano que mais tem conhecido, ao longo destes últimos anos, um espantoso aprofundamento não só a nível literário, mas também a nível historiográfico. Entre muitos aspectos, a obra em apreciação trata da problemática do sonho, entendido como uma manifestação do maravilhoso, bem como dos desígnios divinos. Assim, o sonho, que ocorre sempre durante a noite, quebra a temporalidade e a linearidade da narrativa romanesca, outorgando-lhe um cunho onírico e maravilhoso, ao invés do que ocorre na historiografia, na qual o sonho apresenta um carácter de casualidade ou de exigência. A reflexão sobre personagens não muito estudadas, constitui uma tendência de análise da obra em apreciação, como bem demonstra o artigo referente a Elaim, o Branco. De facto, o percurso deste cavaleiro tem sido sistematicamente ignorado pela crítica que tende a centrar-se na figura de Galaaz. Deste modo, Elaim para além de representar um duplo de Galaaz, simboliza a perenidade da linhagem, que lhe é proporcionada pelo facto de vir a ser imperador de Constantinopla. Também as representações sociais do corpo humano não foram esquecidas, a partir das quais se formam paradigmas comportamentais e de afectividade corporal. Neste sentido, tendo sido a *Demanda* sujeita aos rígidos cânones da exegese bíblica, imposta pela cultura cristã clerical, o corpo humano é entendido como uma parte não autónoma, completamente subordinada à alma, representando, por isso, o seu reverso. Assim sendo, é o corpo de Galaaz o escolhido para servir de protótipo aos demais cavaleiros, pois reflecte, por excelência, uma perfeita harmonia entre a parte física e a parte moral, graças à qual lhe é concedida uma supremacia espiritual face aos demais. Pelo que se referiu anteriormente, é inevitável que seja Galaaz o eleito para conhecer as graças espirituais e alimentares proporcionadas pelo Santo Vaso. A sua nobreza e pureza de carácter – inerentes a uma ética de cavalaria –, auxiliadas pela intervenção do Espírito Santo, conduzem o herói a uma experiência mística única, que lhe permite a contemplação do sumo mistério eucarístico. Num campo oposto e com contornos necessariamente diferentes, situa-se a «demanda espiritual» de Lancelote que, ao invés do seu filho Galaaz, apresenta um percurso de vida marcado pelo pecado e pelo apego aos bens terrenos. Contudo, no final do romance Lancelote, consciente dos seus pecados, opta por um caminho de redenção pela via eremítica, abraçando, assim, a eterna salvação. Conclui-se, pois, que a personagem de Lancelote revela-se fulcral no contexto da sociedade cavaleiresca medieval, na medida em que, ao contrário de Galaaz, vai mais de encontro aos modelos comportamentais dos seus destinatários, que nele se revêm, quer em termos de heroicidade, quer em termos de realização temporal.

Após esta breve incursão ao longo dos artigos referentes às três obras anteriormente assinaladas, não gostaríamos de deixar de aludir às restantes comunicações que se integram na colectânea dedicada ao estudo da Matéria da Bretanha.

Uma primeira observação vai para o artigo alusivo ao romance de *Amadis de Gaula*, uma vez que este, juntamente com outros textos medievais europeus, inaugura uma nova fase na literatura cortesã, na qual o herói, para além de se distinguir dos restantes cavaleiros pela sua bravura guerreira, adquire uma maior sensibilidade ao nível da relação com o feminino. A partir de então, *prouesse* e *courtoise* estão intimamente ligadas, isto é, armas e afectos constituem o novo lema do herói arturiano, pois o amor pela dama passa a ser a sua aventura e a única motivação que ele encontra para combater.

Igualmente importantes são os textos pertencentes à vasta produção literária francesa medieval. Entre os aspectos mais significativos e tratados ao longo da obra em questão, contam-se, novamente, as controvérsias propiciadas pelo desejo do amor entre os amantes, fazendo com que o herói parta para uma um destino incerto, em busca de uma regeneração social do eu, tal como bem se comprova pelo *Romans de la Dame a la Lycorne*. Depreende-se, assim, e de acordo com o que se mencionou precedentemente, que a *courtoise*, a partir de um certo momento, passa a deter um papel determinante no enredo arturiano, ganhando o elemento feminino uma maior visibilidade e preponderância narrativa. Considere-se, neste contexto, o exemplo do romance *Le Mantel Mautuillié*, no qual a acção se centra em torno de personagens femininas, assistindo-se, também, a uma crescente individualização do herói, que age num plano de permanente confrontação com os outros. Neste sentido, pode dizer-se que o conceito de linhagem se revela fulcral no âmbito de uma individuação do próprio protagonista, que procura, sem cessar, as suas origens sociais, por meio do conhecimento do nome do pai, pois é a partir deste momento que almejará a tão desejada posição no mundo, isto é, a na ordem arturiana.

Ainda no plano dos sentimentos, não se pode ignorar o romance de *Tristão e de Isolda*, – clássico da literatura amorosa – que chegou mesmo a ser comparado com as novelas camilianas, na medida em que se assiste ao exacerbar do amor, que é levado a um extremo e que alheia o herói de toda a realidade que o envolve, inibindo-o de qualquer capacidade de entendimento. Uma última observação neste campo dirige-se ao *Conto do Amaro* – texto hagiográfico peninsular de influências célticas, enquadrado no âmbito da literatura de viagens – que, tal como os textos atrás referidos, se caracteriza pela tendência de enfatizar o protagonismo da mulher, entendida enquanto a verdadeira idealização do divino.

Por último, é de destacar uma intervenção cuja temática se prende com a chamada «estética de recepção», ou seja, com o efeito que uma determinada obra suscita entre o público ao qual ela se destina, bem como a influência que ela exerce sobre ele. Neste sentido, depreende-se que os romances arturianos – de indubitável influência nos meios literários cortesãos – se destinavam a um universo bastante contíguo e com contornos muito peculiares, isto é, à sociedade cavaleiresca, que se revia tanto nos modelos comportamentais propostos pelos protagonistas, tanto nas suas aspirações materiais e espirituais.

Por tudo o que se referiu previamente, pode constatar-se que a obra em consideração apresenta vários sentidos de abordagem, porém maioritariamente ligados à história da literatura e às problemáticas que lhe são inerentes, fazendo com que, por exemplo, a visão histórica se encontre pouco representada. Consequentemente, diversos são os tipos de leitura que se encontram ao longo deste estudo colectivo, desde as mais discursivas e literárias às mais históricas, até mesmo as predominantemente “psicanalíticas”.

É ainda de acentuar a quase inexistência de intervenções de colaboradores estrangeiros, em particular dos oriundos do contexto peninsular, sobretudo da Catalunha, região na qual a Matéria da Bretanha conheceria uma enorme projecção cultural e desencadearia uma vasta produção literária. De facto, o ciclo do Graal apresentou tais proporções ao nível dos

meios aristocráticos europeus, que se torna, talvez, um pouco limitativa uma visão apenas consignada à sua influência no território português, mesmo que esse seja o objectivo a alcançar.

Acrescenta-se, também, a ausência da análise de textos, que embora não pertencentes à Matéria da Bretanha, tenham sido por ela influenciados, tais como as hagiografias, a cronística, o romanceiro tradicional, a própria literatura medieval peninsular, ou até mesmo a literatura contemporânea. Neste sentido, seria bastante desejável e proveitosa a realização de novos encontros dedicados ao conhecimento de muitos outros textos medievais e que permitissem, assim, a sua compreensão e aprofundamento.

Não obstante, e numa perspectiva global, a presente compilação permite, sem dúvidas, uma excelente introdução ao aprofundamento do ciclo do Graal português e até mesmo europeu, tendo em conta o ineditismo e a multiplicidade dos temas abordados, bem como a transparência discursiva que privilegiou a expressão do simbolismo, a história do género (mais precisamente do feminino) e o complexo e inesgotável imaginário medieval.

Filipa Medeiros

SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa – *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*. Prefácio de Maria Helena da Cruz Coelho. Leiria: Magno, 2003. 1008 p.

Há já bastante tempo que vem sendo referida a dimensão de «Nova História Política» que a abordagem do clero secular em geral – e mais em particular dioceses, prelados e cabidos – também consubstancia. O facto é que, num espaço de tempo inferior a 10 anos, o medievismo português se viu transportado de uma situação em que a Historiografia universitária praticamente tinha encarado de forma monográfica somente uma diocese (Braga, para dois momentos diversos, pelas penas de Avelino de Jesus da Costa [1908-2000] e de José Marques), para um outro estado de coisas em que a própria arquidiocese bracarense viu preenchida uma parte do hiato cronológico entre os *opera magna* dos dois historiadores mencionados, situação esta acrescida de trabalhos sobre as dioceses de Évora, Lisboa, Coimbra, Lamego – objecto do volume aqui recenseado – e proximamente Porto e Viseu ¹; as formas tradicionais de abordagem da instituição diocesana têm sido prolongadas por indagações diplomáticas – as *Chancelarias* episcopais, documentação produzida e respectiva tipologia – ou em termos de *sociedade política* – comportando a *prosopografia* de prelados, cónegos e outros dignitários capitulares. Para além disto, uma equipa de investigadores se pôde constituir, dando corpo a um projecto de pesquisa – *Fasti Ecclesiae Portugaliae. Prosopografia do clero catedralício português (< 1325)* – aprovado pela

¹ Para além dos trabalhos citados pelo Autor a pp. 17-18, tenham-se em conta contribuições de Mário Farello (para Lisboa) e de Maria do Rosário Morujão (para Coimbra); e, proximamente, ainda e de novo Anísio Saraiva (agora para Viseu), bem como duas teses de mestrado sobre a diocese do Porto (orientação de Maria Cristina Cunha). Acrescente-se, para uma cronologia mais remota, a tese de doutoramento (defendida em Lovaina) de Ana Maria Martins Jorge sobre o episcopado da Lusitânia na Antiguidade Tardia (sécs. III-VII).